

LAZER, CAPOEIRAS E HISTÓRIA ORAL: APROXIMAÇÕES INTERDISCIPLINARES POSSÍVEIS

Roberto Camargos Malcher Kanitz

RESUMO

Este artigo trata de uma aproximação possível com as relações entre as manifestações das culturas populares - em especial a capoeira, as teorias do lazer e a metodologia conhecida como história oral. Pretendo chamar atenção para uma especificidade desta forma de construção de narrativa histórica, algumas possibilidades interessantes para discussão do campo do lazer e para a produção de saberes referentes às culturas populares.

Palavras-chave: Lazer. Capoeira. História Oral.

ABSTRACT

This article deals with a possible rapprochement with the interrelations of the expressions of popular culture - in particular the *capoeira*, the theories of leisure and methodology known as oral history. Want to draw attention to a specific form of the construction of historical narrative, some interesting possibilities for discussion of the field of leisure and the production of knowledge regarding popular culture.

Key words: Leisure. Capoeira. Oral History.

RESUMEN

Este artículo se refiere a un posible acercamiento a las interrelaciones de las expresiones de la cultura popular - en particular la *capoeira*, las teorías de *lazer* y la metodología conocida como la historia oral. Trato de llamar la atención sobre una forma específica de la construcción de la narrativa histórica, algunas posibilidades interesantes para la discusión de la esfera del *lazer* y la producción de conocimientos sobre la cultura popular.

Palabras clave: Ocio. Capoeira. Historia Oral.

1 Apresentação

A faint, light-colored background image of a stylized human figure, similar to the logo at the top of the page, is visible behind the text.

“Pensar desinteressadamente é, afinal, uma boa garantia contra o dogmatismo, sem que isto provoque uma abdicação do espírito. Muito pelo contrário. Nos períodos de turbulência, é melhor abordar os fenômenos sociais com o espírito livre de todos os preconceitos, ou pelo menos o mais isento possível de idéias preconcebidas.”

Michel Maffesoli

A Capoeira é uma das manifestações da cultura popular brasileira de maior destaque, contando com um significativo número de praticantes e núcleos por todos os estados do país, e várias partes da América do Norte e do sul, da Ásia, da África e da Europa. Suas histórias e seus protagonistas são uma rica fonte de investigação, com muitas perguntas sem resposta. Certamente alguém ligado aos cultos afro-brasileiros poderá dizer: É “*auô!*” Que significa segredo, em dialeto africano - aquilo que só pode ser revelado aos iniciados na tradição do candomblé. Como a figura mitológica de Exu, a capoeira foi traçando seus caminhos carregados de signos e cheio de mistérios, que parecem não ter explicação à luz da nossa racionalidade ocidental e cartesiana.

Minha trajetória acadêmica sempre foi marcada pelo interesse e pela vivência na pesquisa científica. Ainda na graduação tive a oportunidade de ser bolsista no recém criado Centro de Memória da Educação Física da EEFETO/UFMG por dois anos. Logo após minha formatura, cursei a especialização em lazer CELAR/DEF/UFMG que me ajudou aprofundar conhecimentos no campo do lazer.

Além disso, faço parte da capoeiragem da capital mineira desde 1992. Esta experiência inspirou meus estudos e minha vontade antiga e persistente de criar laços que aproximem esta prática cultural com o meio acadêmico, numa perspectiva de diálogo profícuo e salutar para ambas as partes.

2. Introdução

A metodologia escolhida para desenvolvimento da minha pesquisa de mestrado foi a história oral. A minha aposta com esta escolha é de dar voz aos capoeiras, construir uma narrativa a partir do depoimento destes sujeitos e contribuir para o entendimento de como estas manifestações são construídas.

Neste artigo tentarei analisar e problematizar a respeito das possíveis relações entre lazer, capoeira e a história oral, por mais denso e complexo que este problema se apresente. Para este roda, buscarei algumas pistas em outros capoeiristas que já estão produzindo saberes que dialogam com a academia a mais tempo.

Segundo Vieira e Matthias, a circularidade no ambiente da antiga malandragem não partia e nem separava em pequenos pedaços a realidade. Essa forma de expressão se opõe frontalmente ao racionalismo típico da visão ocidental, em seu esforço positivista de previsibilidade e de construção de regras de validade geral¹.

Como nos explica ainda CASTRO JUNIOR, os conceitos desenvolvidos de historicidade e ancestralidade, a partir do universo simbólico e estético da capoeira, indicam as referências intrínsecas presentes na capoeiragem, que não se caracterizam conforme a várias referências que misturam conceitos heterogêneos com matrizes filosóficas e epistemológicas antagônicas². Ou seja, para compreendermos a capoeira é preciso que aceitemos as suas contradições e suas múltiplas influências, como qualquer manifestação da cultura popular. Devemos entender que muitas das respostas e leituras desta manifestação passarão necessariamente pela leitura do simbólico, do não revelado, do “*auô!*”

Alem destas dificuldades iniciais, próprias desta arte, são poucos os trabalhos desenvolvidos sob a temática, e encontram-se em menor número ainda aquelas produções científicas que tratam da capoeiragem na cidade de Belo Horizonte.

¹ VIEIRA & MATTHIAS, 1998

² CASTRO JUNIOR, 2004

Segundo Melo:

Numa perspectiva histórica, não é tarefa das mais fáceis reconstruir as vivências de lazer nas camadas populares, pois, mesmo que os estudos relacionados a tais camadas tenham avançado significativamente nas últimas décadas, os dados relativos às peculiaridades de seu cotidiano ainda carecem de aprofundamento. Até mesmo a obtenção de fontes que permitam acesso a esses dados se constitui em problema, pois na maioria das vezes é representação das elites e não depoimentos específicos de membros daquelas camadas. (MELO, 2003. pg. 30)

Fiz a opção pela história oral, pois acredito que ela pode ser um importante elo entre o passado e o presente. Esta metodologia confere possibilidades de sentir, perceber e dar voz as sutilezas do humano, seus significados, os caminhos seguidos e escolhidos pelos sujeitos, suas produções em diversas épocas, permitindo vários olhares, possibilitando construir uma narrativa dos capoeiras e de suas práticas culturais.

3 Capoeiras e os Conceitos de Lazer: Antigos Dilemas

É a partir da modernidade, ou seja, após a dupla revolução – burguesa e industrial, e com a organização do mundo do trabalho, nas relações de mais valia, salários e trabalhadores, que o tempo livre começa a ser pensado e desejado por estes sujeitos, ainda no início do séc. XIX, na contrapartida das estafantes 14 ou 16 horas por dia de trabalho sem descanso.

Com o passar do tempo e as várias lutas reivindicatórias travadas por estes trabalhadores, o tempo livre começou a fazer parte do direito destes operários. A partir deste momento, não bastava que fosse pensado apenas o tempo do não-trabalho, mas um tempo livre fundamentado na qualidade.³ A partir daí, podemos ter os indícios destas construções culturais do que atualmente chamamos de lazer.

No Brasil, durante muito tempo esta temática foi colocada em segundo plano nas discussões acadêmicas, já que era considerada um problema menor por parte dos pesquisadores. É apenas a partir da década de 60 que o quadro começa e se modificar e outras áreas do saber esboçam iniciativas buscando melhor compreensão e problematização do campo⁴.

Lazer é um conceito que ainda hoje causa uma série de controvérsias e desencontro entre seus pesquisadores e pertencentes a este campo interdisciplinar. Faz parte do senso comum uma associação do lazer como sendo a mesma coisa que tempo do não-trabalho, ou que lazer é apenas sinônimo de prazer e ludicidade.

A produção científica neste campo, dos quais podemos destacar Marcellino, Melo e Gomes, entre outros, estão debruçados em romper com uma lógica de sociedade centrada no mundo do trabalho e olhar para outros espaços onde o humano se faz presente.

De acordo com Gomes:

Situo-me, dessa forma, entre os pesquisadores que compreendem o lazer como um fenômeno cultural e afirmo, sem

³ MARCELLINO, 1996

⁴ MELO, 2003

receio, que mesmo com as diferenças conceituais entre os autores da área verifico uma tendência, na atualidade brasileira, em compreender o lazer como uma dimensão da cultura. (GOMES, 2008. pg. 03)

Ainda segundo Melo:

Em comum entre essas diferentes reflexões, deve-se ressaltar a compreensão da característica interdisciplinar da temática, bem como sua consideração como fenômeno a ser entendido como componente da cultura. Além disso, deve-se destacar a tendência de tratar o assunto de forma diacrônica, denunciando-se o caráter instrumental e funcionalista que permeou algumas das reflexões anteriormente realizadas. (MELO, 2003. pg. 21)

Ouso afirmar que o conceito de lazer nesta direção é fatalmente qualitativo, ou seja, imprime determinados valores para se pensar uma atividade nova, como é historicamente nova a modernidade se pensarmos no tempo da civilização ocidental.

Como na construção histórica do conceito de cultura⁵, há necessidade de uma construção conceitual para que pesquisadores pudessem operar cientificamente. Para tanto, o conceito de lazer não poderia ter a abrangência do tempo do não-trabalho, deveria ser mais específico. Estava estabelecida a necessidade desta construção e deste campo.

Gomes nos esclarece:

Nessa direção, o lazer representa um fenômeno sociocultural que se manifesta em diferentes contextos (histórico, social, político, etc) de acordo com os sentidos/significados que são produzidos e reproduzidos por meio de relações dialéticas dos sujeitos nas suas relações com o mundo. Enquanto uma dimensão da cultura, o lazer é dinâmico e, se por um lado é marcado pela diversidade, por outro constitui/é constituído pelas identidades distintivas de cada grupo social, colocando em realce os hibridismos que permeiam a relação global/local. (GOMES, 2008. pg. 05)

Entendo as práticas culturais e o lazer como aspectos dinâmicos da vida social, e que também estão submetidas às influências da modernidade. Seus sujeitos obrigatoriamente estabelecem diálogos com as pessoas com as quais compartilha seu cotidiano. É na interface entre o que é tradicional e o que é moderno que estes sujeitos, conhecedores das práticas culturais, operam suas manifestações.

Encontrar pessoas, se divertir, brincar, se encantar. Estes são elementos que permeiam quem participa das rodas de capoeira pelas ruas de Belo Horizonte e faz dela uma das suas opções de lazer nos finais de semana. Rompendo com o óbvio televisivo e faustõesco, ou buscando outras possibilidades de atividades física que não estejam conformadas nas paredes frias de uma academia de ginástica, ou nas tradicionais peladas de final de semana, são indicativos que os seres humanos resistem, mesmo com toda uma conjuntura massificante e direcionada para o consumo e para a banalização da diversão.

Alme disso, as manifestações da cultura afro-brasileira, e em especial a capoeira, apresentam como possibilidade proporcionar um retorno ao simbólico, ao lúdico, ao imaginário. Tal como o samba realizado nos quintais das casas do subúrbio carioca,

⁵ Para entender melhor o assunto, consultar LARAIA, 2004.

chamado de pagode (nome que se vulgarizou pelas ações da indústria do entretenimento), como as puxadas de rede que ainda hoje acontecem na Ilha de Itaparica/BA, entre outros.

4 História Oral: Uma Aproximação com a Metodologia

Investigar as histórias sobre o processo de construção das práticas corporais e de seus sujeitos, significa buscar alguns fragmentos de memória que poderiam estar perdidos no tempo e no esquecimento. Vasculhar o passado abre possibilidades de diálogo com seus protagonistas e os fragmentos que fizeram parte destas trajetórias.

Segundo o historiador francês Jacques Le Goff, o que chega ao nosso tempo não é um apanhado daquilo que existiu no passado, mas uma escolha realizada ora pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, ora pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa - os historiadores⁶.

Michel de Certeau também nos aponta que em história tudo começa com ações de selecionar e de reunir determinados objetos, e dessa forma, transformá-los em documentos distribuídos de outra forma⁷.

Os historiadores do passado, certamente mais antigos que os citados anteriormente, usavam em suas pesquisas e trabalhos as chamadas 'testemunhas dignas de fé'. Com o passar do tempo, a severidade dos positivistas fomentou uma negação ao sujeito que testemunha. As palavras seriam consideradas não-confiáveis. A partir do séc. XX volta a crescer o interesse pela testemunha ocular, aquele que vivenciou o acontecimento, o fato histórico⁸.

Para nos situarmos melhor a respeito da história oral, Ferreira nos conta:

A coleta de depoimentos pessoais mediante a utilização de um gravador iniciou-se na década de 1940 com o jornalista Allan Nevins, que desenvolveu um programa de entrevistas voltado para a recuperação de informações acerca da atuação dos grupos dominantes norte-americanos. (FERREIRA, 2002. pg 322)

Este fato é importante, pois muitos autores consideram que ele marca o início da história da metodologia que irei problematizar neste artigo. Ou seja, é com o advento da tecnologia que a história oral pode ser efetivamente implantada e difundida no meio acadêmico. Ainda na década de 1980, volta-se a valorizar a análise qualitativa e recupera-se a relevância das experiências individuais⁹. No Brasil, é a partir da década de 90 que esta metodologia ocupa definitivamente uma posição mais consolidada, apesar de encontrar até hoje, uma grande resistência por parte de alguns historiadores.

Em termos gerais, a história oral se refere a um método de pesquisa no qual se faz uma gravação sonora de uma entrevista sobre experiências diretas ocorridas durante a vida de uma testemunha ocular¹⁰. O material gravado é recolhido pelo pesquisador, em função do objeto e do tipo de informações que for necessária para realizar sua pesquisa.

⁶ LE GOFF, 1997

⁷ CERTEAU, 1995

⁸ VOLDMAN, 2005

⁹ FERREIRA, 2002

¹⁰ CRUIKSHANK, 2005

Podemos definir como as principais posturas a respeito do status da história oral: A de ser uma técnica; ou uma disciplina; ou ainda uma metodologia¹¹. Aproximamos-nos daqueles que concebem a história oral como uma metodologia, pois confere ao sujeito que viveu a história o direito a expressão e de compartilhar com a história oficial as várias faces da verdade¹².

Trabalhar com a história oral é uma opção metodológica que proporciona o contato do pesquisador com as testemunhas oculares dos fatos por ele investigados, e no meu caso aqui os capoeiras. Porém, esta proximidade com o objeto requer uma série de cuidados e a ajuda de outros campos das ciências humanas, tais como a psicologia, a antropologia, a sociologia, a filosofia, entre outras. Posso afirmar assim que ela tem um caráter interdisciplinar por excelência¹³.

Esta metodologia possibilita uma estreita relação com a memória dos indivíduos. Esta depende do grupo social e das redes de relações que o interlocutor possuía ou ainda possui. Na rememoração, o sujeito histórico não lembra do passado exatamente como ele ocorreu, e sim de acordo com as forças sociais que estão e/ou estavam agindo sobre eles na época¹⁴.

Assim, a história oral não só se apóia em outras ciências sociais e humanas, como depende delas para realizar suas análises. É preciso que a contextualização social seja realizada de forma profunda pelo pesquisador, pois os depoimentos não são verdades ou mentiras propriamente ditas, mas sim interpretações, signos que devem ser desvelados e entendidos para iluminar assim o objeto de pesquisa.

Segundo Cruikshank:

Em vez de atuarem como reflexos de fato da sociedade, as narrativas orais podem inverter o comportamento social, porque o propósito de tais narrativas é resolver simbolicamente as questões que não podem ser resolvidas na esfera da atividade humana. (CRUIKSHANK, 2005. pg 153)

De acordo com Voldman, as entrevistas são como um jogo de esconde-esconde entre pesquisador e seu interlocutor.¹⁵ Tenho aqui a expectativa que minha proximidade com a capoeira, meus 17 anos inseridos nesta tradição irão possibilitar um diálogo mais interessante e frutífero com estes sujeitos, diminuindo o grau de desconfiança - dificuldade comum para quem escolhe esta metodologia.

Concordando com Amado e Ferreira:

Em nosso entender, a história oral, como todas as metodologias, apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho – tais como os diversos tipos de entrevistas e as aplicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e a influência disto sobre o seu trabalho – funcionando como

¹¹ AMADO & FERREIRA, 2005

¹² De acordo com Portelli op cit. Freitas, “A primeira coisa que diferencia a história oral é que ela nos diz menos a respeito dos acontecimentos em si que do seu significado. Isto não quer dizer que a história oral não possua interesse factual. Entrevistas muitas vezes revelam fatos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de fatos conhecidos, e elas sempre jogam nova luz sobre aspectos inexplorados da vida cotidiana das classes não-hegemônicas”. (PORTELLI, 1981 op cit. FREITAS, 2002)

¹³ AMADO & FERREIRA, 2005

¹⁴ FERREIRA, 2002

¹⁵ VOLDMAN, 2005

ponte entre teoria e prática. (AMADO & FERREIRA, 2005. pg. 16)

É nessa possibilidade de aproximação entre teoria e prática, entre modos subjetivos de realizar pesquisa, entre vantagens e desvantagem que vejo com bastante entusiasmo esta metodologia e considero-a adequada para decifrar os códigos necessários ao desenvolvimento de pesquisas que buscam entender melhor as manifestações das culturas populares.

As rodas de capoeira, por todo o Brasil, continuam a acontecer nas praças, nas ruas, nas feiras... Ressignificadas, ora palco de uma série de manifestações da pobreza humana, ora como velhos malandros vestidos com a sua roupa domingueira ou como discípulos de Bobo Marley, mas sempre com uma enorme força viva e pulsante da expressão corporal afro-brasileira.

Conhecer as histórias e as construções sociais destes capoeiras significa produzir conhecimentos a respeito dos nossos bens culturais e nossas diversidades, nos possibilitando assim uma compreensão melhor da sociedade que vivemos.

5 REFERÊNCIAS

- AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e Abusos da História Oral. 7 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005
- CAPOEIRA, Nestor. Capoeira: Os Fundamentos da Malícia. Rio de Janeiro: Editora Record, 1992.
- CASTRO JÚNIOR, Luis Vitor. Capoeira Angola: Olhares e Toques Cruzados Entre Historicidade e Ancestralidade. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte v.25, n. 2. Campinas: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2004.
- CERTEAU, Michel. A operação Histórica. in: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre (org.) História: Novos Problemas. Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves, 1995.
- CESAR, Flora Marione. Uma Breve História do Alto Vera Cruz. In: <http://flora-flor-flora.blogspot.com>. 02/08/2008 – 13h
- CRUIKSHANK, Julie. Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e Abusos da História Oral. 7 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005
- FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. in: Topoi, Rio de Janeiro, 2002 (mimeo)
- FREITAS, Sônia Maria de. História Oral: procedimentos e possibilidades. São Paulo: Ed. Humanitas, 2002
- GEERTZ, Clifford. A Interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1989
- GOMES, Christianne Luce. Lazer e descanso. Seminário Lazer em debate, 9, 2008, São Paulo. *Anais...* São Paulo: USP, 2008. Disponível em: <http://www.uspleste.usp.br/eventos/lazerdebate/anais-christianne.pdf.pdf>>. Acesso em 07/08/08.
- GUIMARÃES, Euclides. Esboço Para Uma Teoria do Lazer em Bakhtin. Revista Licere: Belo Horizonte. V.6, N.1, p.119-137, 2003.
- LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: INCICLOPÉDIA EINAUDI, 1. Memória - História. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1997.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. Estudos do Lazer: Uma Introdução. Campinas: Autores Associados, 1996

MARTINS, Sérgio. Urbanização e Violência. Reflexões a partir do livro e do filme Cidade de Deus. In. DEBORTOLI; MARTINS; MARTINS. (orgs.) Infâncias na Metrópole. Belo Horizonte: UFMG, 2008. (175 – 202)

MELO, Victor Andrade de. Lazer e Minorias Sociais. São Paulo: IBRASA, 2003

SILVA, Marina Guedes Costa e. Uma História da Recreação (1952-1970): constituição inicial da disciplina na Escola de Educação Física de Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG, 2005. (monografia de graduação)

VIEIRA, Luiz Renato & MATTHIAS, Röhrling Assunção. Mitos, Controvérsias e Fatos: Construindo a História da Capoeira. In: Estudos Afro-asiáticos. Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, 1998

VOLDMAN, Daniele. Definições e Usos. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e Abusos da História Oral. 7 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005